Aristóteles foi um grande pensador sobre narrativas e histórias, tem essa frase famosa dele que diz que uma história deve sempre ser; Prótase, epistaxe e catástrofe, ou; inicio meio e fim. Pensadores que vieram depois do nosso amigo Aristóteles perceberam que existe algo que fica entre o início e o meio, é algo que fica entre o meio e o fim.

Olá eu sou o bardo, e eu o Trovador, e esse é o dicionário narrativo, toda semana explicaremos um conceito literário para que vocês possam entendê-los, escrever suas próprias histórias ou só entender aqueles papos com seu amigo cult. E hoje vamos conhecer algumas vertentes do esquema quinário, ou uma estrutura de 5 atos ou pirâmide de Freytag... Ele tem alguns nomes.

No nosso e-book “dicionário narrativo” o texto que abre a seção de estruturas narrativas começa com uma citação do poeta Horácio: “Não deve uma peça ficar a quem, nem ir além do quinto ato.” Espera, quinto ato?

A estrutura de 3 atos descreve as fases de um personagem por cima de um conflito, tendo o básico; uma apresentação, um conflito e uma resolução. O que a primeira estrutura de 5 atos faz é descrever o que há entre a apresentação e o conflito, e o conflito e a resolução.

Mas o que faz com que as pessoas não ouçam falar dessa estrutura é a sua utilização em uma mídia não tão comum a todos, o teatro. Não sei se vale a pena dizer mais aqui vai ter spoiler de Romeu e Julieta... Essa percepção de uma norma estrutural será pensada pelo dramaturgo e romancista alemão Gustav Freytag, que irá expôr um esquema quinário “padrão” – os cinco atos. No esquema dele temos:

- Introdução: o espectador é apresentado a uma situação “X”. Nessa situação, seremos apresentados às partes protagonista e antagonista;
- Elevação da Ação: algo irá ocorrer para que essas partes entrem em choque;
- Clímax: o choque ou conflito ocorre, marcando o ponto em que nenhuma das partes poderá retroceder;
- Declínio da Ação: uma das partes se sobressai à outra;
- *Dénouement*: que é basicamente uma finalização. Que fecha toda a narrativa.

Se formos botar isso em um esquema como o da estrutura de 3 atos, temos uma forma uma pirâmide, por isso muitas vezes essa estrutura é referida como pirâmide de Freytag.

Agora um exemplo de aplicação, por uma das obras mais conhecidas de Shakespeare; Romeu e Julieta:

- 1º ato: Romeu aparece na casa dos Capuleto atrás de Rosalinda e conhece Julieta. Detalhe: há uma guerra entre as famílias Montecchio e Capuleto;
- 2º ato: a cena do balcão – o reconhecimento dessa luta entre as famílias. Romeu pede ajuda do Frade;
- 3º ato: Romeu mata Mercúcio, primo de Julieta, e é exilado;
- 4º ato: Paris pretende se casar com Julieta, que pede ajuda do Frade que procura entrar em contato com Romeu para explicar-lhe sobre um estratagema, que envolve Julieta se fingir de morta. Tudo dá errado;
- 5º ato: Romeu, sabendo da morte de Julieta, volta para Verona. Paris e ele se enfrentam junto à tumba de Julieta. Paris morre, Romeu comete suicídio, e Julieta, que fingia estar morta, se mata por fim. As famílias aprendem a lição e Verona fica em paz.

Mas essa estrutura tem um problema: o clímax dela, ou seja, a parte com maior tensão, fica no meio da história; logo é mais difícil manter o espectador interessado depois que a curva de tensão começa apenas a cair. Já comentamos aqui como o ritmo é importante em um vídeo de my hero academia, link na descrição.

Essa estrutura funciona muito em dramas, já que ele não precisa de alta tensão para se desenvolver para o final. Em outras palavras, de acordo com o clímax freytagiano, se a tensão está toda no meio, fica cansativo para o espectador esperar pelo declínio. Então algo tinha que ser feito… e os dramaturgos, críticos e escritores juntaram a fórmula de três atos e repensaram o esquema quinário. Claude Brémond, e outros pesquisadores por meio de seus estudos de narratologia, acabaram por chegar à conclusão de que toda narrativa segue um esquema quinário, mas não aquele de Freytag, o qual parece ser “restrito” em vez de “natural”. Então eles chegaram a isso:

- Estado inicial: a introdução ao momento presente;
- Complicação: dentro desse momento, algo ocorre;
- Dinâmica: um embate entre forças;
- Resolução: o embate chega, enfim, ao seu clímax, sendo encerrado;
- Estado final: uma nova situação se apresenta – ou passa a um estado semelhante ao inicial – após o embate.

Que aplicando isso a Romeu e Julieta nós temos:

- 1º ato: Romeu conhece Julieta;
- 2º ato: a guerra entre as famílias é um fator complicador, e eles reconhecem isso;
- 3º ato: Mercúcio, primo de Julieta, é morto em um duelo por Romeu, que é exilado de Verona;

- 4º ato: Julieta finge estar morta. Romeu e Paris, que queriam se casar com ela, lutam junto à tumba dela. Romeu se mata, assim como Julieta após ver o corpo do amado;
- 5º ato: Verona está em paz

Pode parecer igual, mas dessa forma, o quarto ato também é o clímax da história, então entendemos ela como uma crescente de tensão que culmina em um desfecho. Mas então, qual estrutura você prefere? A pirâmide de freytag ou a forma reformulada? Nesse vídeo a ideia não é ditar regras, por isso vale a pena apresentar ambos pontos de vista em relação a uma estrutura tão útil. Então agora, é só escrever

Esse foi o dicionário narrativo, até a próxima semana, com mais algum conceito.

Para o ebook; definição de “*Dénouement*”; essa expressão em francês, que significa “desatar”, “desenlace”, remete ao “nó” aristotélico – “*a parte da tragédia que vai desde o início até o ponto a partir do qual se produz a mudança para uma sorte ditosa ou desditosa*” (*Poética*) -, ou seja, a resolução em si – “*chamo desenlace a parte que vai desde o princípio desta mudança até o final da peça*”.

fontes:
https://obasicoemletras.wordpress.com/2013/06/30/estruturas-narrativas-o-esquema-quinario-2/